

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

29



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2020



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

29

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2020



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Bruno dos Santos, Catarina Pinto Fernandes, Maria de Fátima Rosa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

Bruno dos Santos, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactorial Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Laprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Catarina Viegas (Universidade de Lisboa), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Katia Pozzer (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Kyriakos Savvopoulos (Oxford University), José Manuel Alba (Universidad de Jaén), Maria Fernanda Brasete (Universidade de Aveiro), Maria Jose López Grande (Universidad Autónoma de Madrid), Matheus Trevizam (Universidade Federal das Minas Gerais), Miguel Ángel Novillo López (Universidad Complutense de Madrid), Mona Haggag (Alexandria University), Nelson Henrique da Silva Ferreira (Universidade de Coimbra), Núria Castellano i Solé (Universidad de Murcia), Paulo Sérgio Ferreira (Universidade de Coimbra), Pietro Li Causi (Università degli Studi di Palermo), Rui Carlos Fonseca (Universidade de Lisboa), Rui Morais (Universidade do Porto), Susana Marques Pereira (Universidade de Coimbra).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2020

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

11 UNA GENEALOGIA DEL SUJETO DEL DESEO

Foucault y la sexualidad de los Antiguos

A GENEALOGY OF THE SUBJECT OF DESIRE.

Foucault and Sexuality in Antiquity

María Cecilia Colombani

35 LA IMAGEN DE CAYO JULIO CÉSAR EN EL CINE

CAIUS IULIUS CAESAR'S IMAGE IN THE CINEMA

Miguel Ángel Novillo López

53 ESTUDOS

ARTICLES

55 THE LACHISH RELIEFS

The programmatic representation of the king

at war under Sennacherib

OS RELEVOS DE LACHISH

O programa de representação do rei na guerra sob Senaquerib

Violeta d'Aguilar

87 A PRODUÇÃO DO VIDRO NO EGIPTO DO IMPÉRIO NOVO

À LUZ DOS DADOS ARQUEOLÓGICOS E ANALÍTICOS

GLASS PRODUCTION IN NEW KINGDOM EGYPT IN LIGHT

OF THE ARCHAEOLOGICAL AND ANALYTICAL DATA

Francisco B. Gomes

121 A IDEIA DE HISTÓRIA SEGUNDO OS ARQUIVOS REAIS DE MARI

THE HISTORICAL CONCEPTION OF THE ROYAL ARCHIVES OF MARI

Maria de Fátima Rosa

- 145 THE ANTHROPOID WOODEN COFFIN OF DIDYME
FROM GRECO-ROMAN EGYPT
O ATAÚDE ANTROPOMÓRFICO DE DIDÍME DO EGIPTO GRECO-ROMANO
Ahmed Derbala e Rogério Sousa
- 175 TESEU, O PARADIGMA DO ATENIENSE ÁRISTOS
Testemunhos de Pausânias e Plutarco
THESEUS, THE PARADIGM OF THE ATHENIAN ÁRISTOS
Testimonies from Pausanias and Plutarch
Maria de Fátima Silva
- 203 ECONOMIC ACTIVITIES CREATING ARCHETYPES
FOR TRADITIONAL ABSTRACT LANGUAGE:
The farmer as the good man in the roman 'Agricola Instructions'
A ATIVIDADE ECONÓMICA COMO FONTE IMAGÉTICA DE LINGUAGEM SIMBÓLICA:
O bom agricultor das instruções agrícolas romanas
Nelson Henrique da Silva Ferreira
- 229 A IMPORTÂNCIA RIBEIRINHA DE MIRAGAIA (PORTO)
NO PERÍODO DA ROMANIZAÇÃO
THE RIVERSIDE IMPORTANCE OF MIRAGAIA (OPORTO)
IN THE ROMANIZATION PERIOD
Ana Isabel Lino
- 251 SAKURA NO PAÍS DAS MITOLOGIAS:
Storytelling mitológico e reino encantado
SAKURA IN MYTHLAND:
Mythological storytelling and wonderland
Sílvia Catarina Pereira Diogo

271 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 273 THE MORTEXVAR PROJECT
Valuing variability in the ancient Egyptian mortuary texts
Carlos Gracia Zamacona
- 281 MYTH, HISTORY, AND METAPHOR IN THE HEBREW BIBLE
Por Paul K.-K. Cho
José Augusto Ramos

295 UM NOVO OLHAR SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO:
A perspectiva de J. G. Manning

Elisa de Sousa

305 ROMA NOSSO LAR:
Tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)

Ália Rodrigues

313 RECENSÕES

REVIEWS

419 IN MEMORIAM

425 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



RECENSÕES
REVIEWS

povoam o livro, das quais enfocamos a utilização de frases que remetem o leitor para acontecimentos gerais sem os quantificar e enquadrar com o assunto em estudo (p. 36). De facto, o autor utiliza um grande número de imagens para apoiar a tese que defende, no entanto, não quantifica, ao longo do livro, a representatividade do tamanho da amostra, no contexto das cerâmicas conhecidas.

Para concluir destacamos a profícua utilização de imagens ilustrativas sobre os assuntos em debate, enquadrando-as com a análise. A opção do autor em colocar imagens a preto e branco ao lado do texto e de reunir uma selecção a cores no final do segundo capítulo é de louvar, no entanto, esta opção, peca por o autor não ter incluído nesta escolha todas as imagens de cerâmica pintada utilizadas ao longo do livro, tendo apenas, em consideração as que constam na lista inicial de peças.

Isabel M. C. Santos

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

WILLIAM. A. P. CHILDS (2018), *Greek Art and Aesthetics in the Fourth Century B.C.* Princeton, Princeton University Press, 516 pp. ISBN 978-0-691-17646-8 (€ 67.55)

Este livro representa o maior elogio que pode ser feito à arte grega do século IV a.C., na sua relação com a historiografia e mitologia gregas, a filosofia e a iconografia, e sobretudo à obra artística como documento vivo de cujo espírito de seu tempo extrai a sua maior riqueza.

Como indica o título, a estética é componente de peso na feita desta investigação, em que o A. deita mão de uma série de ferramentas de análise arqueológica e iconográfica envolvidas numa solução pós-estruturalista que dá conta dos padrões e flutuações do período, num exercício puramente cognitivo e literário, meticulosamente fundamentado, claro e rotundo, a que acresce uma sólida retaguarda de fontes académicas.

O livro estrutura-se em nove capítulos, e por toda a obra paira uma preocupação pela periodização fiel dos objectos de estudo: até ao capítulo 6 o A. discorre avidamente sobre escultura (donde sobressaem estátuas isoladas, estátuas em grupo, relevos votivos, estelas funerárias, plintos), arquitectura (sobretudo santuários mais significativos da época e seus templos na sua comunhão com representações pictóricas), cerâmica (especialmente no que diz respeito aos cenários, à variação da figura humana e tipos), pintura (mural, principalmente tumular) e mosaico. Do capítulo 7 em diante, Childs acalenta o nosso espírito leitor com uma análise votada às dimensões psicológica e conceptual do *diorama* artístico, subjugadas à *paragone* da estátua canónica, imperturbada, copiosamente disposta na esfera pública para contemplação, e mais tarde discorre sobre a esfera privada, rica, luxuosa, exótica pelo ornamento de expressão oriental.

Posto o índice, o aparelho metodológico do A. parece organizar-se da seguinte maneira: a cada capítulo correspondem vários quadros de documentos, devidamente compartimentados em escultura, arquitectura, cerâmica e pintura ocasionalmente. Estes quadros parecem variar em função de uma hierarquia de valores: o A. dá listas de monumentos, esculturas, todo o tipo de peças, e em torno destas discorre com agudeza: destacam as problemáticas de identificação e tema, tipologia, forma, estilo, função, original, cópia, etc. Depois, introduzem-se novas peças à colação, comparadas

em *tableaux*, nas vertentes de análise já citadas. Mais a mais, a cada objecto de estudo, o A. descreve a atmosfera que assiste à sua produção, debruçando-se pelo cenário que no período em apreço destaca sobre uma ideia generalizada de homogeneização artística na polis (análise nos capítulos 5A e 5B).

O primeiro capítulo, de nome “Introduction”, cuida de aspectos metodológicos e da recepção da arte grega no contexto oitocentista, e de sua relação com a Estética, de como o ideal romântico terá migrado ao início do século XX e propagado essa visão prematura da arte grega pela Academia numa modelação inquinada de como a arte devia ser interpretada – o capítulo 3 também dá conta da mesma situação mas convertida ao estudo da cópia romana do ponto de vista historiográfico e seu reconhecimento desde o advento da Renascença. Adiante, no seio de uma análise social e de contexto do séc. IV a.C., Childs remoja periodizações e propostas para nomenclaturas artísticas, e assuntos de ordem histórica e política. O A. presta especial atenção ao cosmopolitismo, coadjuvado por mudanças e conflitos sociais dos séculos V e IV a.C., e ao modo como estes terão sido centrais na construção de uma sociedade – e de um indivíduo – predisposta à alteridade, que pode ser exemplificada pela introdução de novos cultos em Atenas, como os de Asclépio e o de Adónis. Em suma, a Grécia Antiga conspirava para uma nova configuração social em que o cosmopolitismo e o urbanismo dominavam sobre a aristocracia social. Perante o clima de mudança e instabilidade especialmente após a Guerra do Peloponeso, é necessário travar o avanço dessa fragmentariedade através do apelo ao passado (figurado nas pessoas de Demóstenes, Platão e Isócrates, *et al.*), que ao longo da obra é resgatado e sobretudo esquadrihado no capítulo 8, de nome “Reception”. Nesse capítulo, o A. recorre aos autores clássicos, como Platão, Xenofonte, Aristóteles, *et al.*, de forma a entender como a *techné* era fruída, consumida, experienciada e, não menos importante, percebida dentro de uma comunidade que havia sido convertida à expressão individual numa evolução gradual do idealismo abstracto da arte do século V a.C.

O capítulo 2, intitulado “The Evidence, Part 1: Originals and Chronology”, de leitura indispensável, constitui um acervo de provas iconográficas e fontes cronológicas de um rigor exímio. O capítulo trata sobretudo de inventariar uma quantidade de estátuas do período numa disputa cronológica sobre hipóteses para datas, atribuição autoral e devida projeção nos textos clássicos. As identificações são feitas por tentativa e erro, por relação de uma produção com outras da época, e/ou pela sugestão de uma forma idêntica a outra que a pode, quando muito, aproximar de um tipo. Esta solução metodológica é também encontrada no capítulo 3, “The Evidence, Part 2: Copies”, na medida em que as cópias romanas de estátuas gregas evidenciam um tipo grego que inadvertidamente reenvia para um protótipo fundador. Também o capítulo 2 introduz o estudo aos templos: enumerados e aos relevos e acrotérios neles consignados. Por exemplo, as esculturas que habitam o templo de Asclépio, em Epidauró, servem de referência para outras tantas esculturas que se lhe assemelham, podendo também identificá-las cronologicamente. É também dada especial atenção à evolução da estela funerária de tipo *naiskos*, a relevos contidos em pilares funerários; e não é menos relevante o estudo de relevos dos plintos das estátuas, fundamentais para a leitura da aparência destas em contexto de espaço público ou santuário. O tema das estátuas *in situ*, a que se acrescentam grupos de estátuas e inscrições em santuários, é desbravado nos capítulos 5A e 5B. Ao final do segundo capítulo, Childs promove a teoria de que a pintura de vasos gregos há de ser invariavelmente reflexo de uma pintura monumental em que a representação menor é janela para uma representação de grande escala, e o A. defende o mesmo método para essas mesmas representações pictóricas em

cerâmica e suas possíveis contrapartes na escultura – este *savoir faire* de correspondências parece ser a marca do A. e é retomado permanentemente na investigação.

O capítulo 3, a saber, “The Evidence, Part 2: Copies”, é particularmente delicioso para aqueles que apreciam os temas de recepção nas Idades Moderna e Contemporânea da obra clássica grega adulterada pela sensibilidade romana da cópia. O capítulo é muito interessante na medida em que o A. prodigaliza o estudo da parte da estátua na sua relação com o todo, numa ambiciosa tentativa de identificar a cópia e de nela denunciar todos os componentes formais da referência grega. O tema do capítulo serve de mote à reflexão sobre protótipos gregos e variantes/tipos dentro dos originais. De entre os vários casos de estudo, destacamos as cariátides do Erecteion, o Apolo Patroos e, sobretudo, o Hermes de Olímpia com Dioniso, e o estudo de vernizes e cor aplicados às esculturas, todas elas policromadas.

Não menos importante é o capítulo 4, de nome “General Issues of Style in Sculpture and Painting”, que parece, pois, uma espécie de desdobramento do anterior, e está estruturado em dois subcapítulos de estátuas femininas e de estátuas masculinas, respectivamente. Tem como objectivo expor maneirismos formais turbulentos e até mesmo contrastantes que puderam conviver e justapor-se no espaço de tempo de mais de 100 anos ao abrigo de dois principais estilos, a que Childs denomina de *Rich Style* e *Plain Style*. O capítulo ocupa-se de três questões principais: panejamento, pose e olhar da estátua para um ou dois pontos de contemplação. O problema da contemplação, da parte do espectador como *beholder*, é forjado adiante nos capítulos 5A, «Form and Presentation: Sculpture», e 5B, «Form and Presentation: Architectural Sculpture». O fenómeno da percepção, ou do acto de experienciar, do ateniense integrado na polis perante o monumento, assume grande valor pungente na análise de Childs; e tanto mais o A. chama a atenção para o fenómeno a par da migração do objecto artístico deste período para a esfera privada – louvamos Childs pela forma como levou a cabo todo esse tratamento conceptual da contemplação.

E deve ser mencionado mais um aspecto desta soberba composição, aventado no capítulo 7, que trata de estilos e significados. Numa arremetida de astúcia e elaborado raciocínio, o historiador dá conta de especificidades da iconologia ao nível da avaliação da postura das estátuas, sobretudo de deuses, reportando-os a uma declarada humanização: a postura do deus – à partida impenetrável, distante e irónica, fruto de uma tensão entre uma comoção interna e uma calma externa aparente – deixa entrever a impressão de que há movimento é internalizado a par da disposição banal de seus membros, que o faz aproximar de uma humanização. Essa humanização, segundo o A., inteligível ao mortal, desemboca numa epifania acessível ao *beholder*, íntima, que acaba por esbater quaisquer barreiras, que outrora o distanciavam da figura do deus, e, de resto, descortinar-lhe uma certa dimensão psicológica.

Nada nos impede, por fim, de tirar umas poucas linhas para apontar imprecisões de somenos. Ao princípio, pareceu-nos que as imagens deviam constar no corpo de texto, de modo que a leitura fosse acompanhada de seu referente visual, não tivéssemos percebido que o A. havia relegado propositadamente para segundo plano a imagem, a fim de que a nota de rodapé destacasse pelo rigor do processo científico. Notámos, todavia, uma falha na legenda das imagens: a estas carecem as datas, o que dificulta a comparação de quadros. Também, não nos parece inusitado afiançar que os títulos dos capítulos são demasiado vagos para obra tão densa, além de que os subcapítulos, quando os há, estão dispersos e, com efeito, sentiu-se-lhes a falta.

Com esta obra, William Childs lança-se, pois, na construção de um *diorama* singularmente adornado de estátuas; para a leitura destas, desenvolveu, em paralelo, outro *diorama*, de uma inteligência profunda. Este estudo, subordinado ao culto da plasticidade grega, assoberba quem com ele se depara.

Sílvia Catarina Pereira Diogo

ARTIS-IHA, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

BRENO BATTISTIN SEBASTIANI, FERNANDO RODRIGUES JR et BÁRBARA DA COSTA E SILVA coords. (2019), *Problemas de Historiografia Helenística*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 245 pp. ISBN 978-989-26-1768-8 (€ 15,80).

Reunindo algumas apresentações do evento “Jornada de Historiografia Helenística: novas abordagens teórico-metodológicas”, o livro promete-nos “problematizar de saída, por seus formatos a noção mesma de ‘helenismo’”, antecipando “reflexões sobre abordagens inovadoras em relação à temática subjacente a todos os textos” (p.11). Com um total de dez artigos, o trabalho de compilação e organização ficou a cargo de Breno Battistin Sebastiani, Fernando Rodrigues Jr. e Bárbara da Costa e Silva, da Universidade de São Paulo. O primeiro, Professor de Língua e Literatura Grega, é doutorado em Políbio e traduziu o historiador para o Brasil. E Políbio é precisamente o historiador mais analisado no conjunto dos artigos. Plutarco, Salústio, Tito Lívio e Dión Cássio são os restantes.

Apesar de reunidos num mesmo livro sobre um ponto de partida comum - “*Problemas de Historiografia Helenística*” -, a amplitude do tópico torna difícil encontrar um fio comum a todos os artigos. Contudo, alguns dos textos conseguem ser encaixados numa só categoria, ainda que não tanto sobre a “noção mesma de ‘helenismo’”, mas antes sobre os diferentes tratamentos dedicados pelos autores clássicos ao “bárbaro” - o “outro”. Em comum neste leque de artigos a defesa de que apesar do tratamento diferenciado e pejorativo dedicado aos “outros” tal não se justifica por considerações dos historiadores clássicos tendo por base a raça ou características inatas.

O artigo com que arranca a compilação – “L’idea della *Translatio Imperii* nella storiografia ellenistica e romana: un modelo interpretativo fra storia e propaganda politica” – de Francesca Gazzano, é um dos que olha de forma ampla para uma problematização helenística, colocando em debate a ideia da transferência de poder e a evolução do conceito ao longo das épocas helenística e romana. Seguem-se textos onde o escopo é então fechado na tal visão do “outro”, analisando-se aqui tanto o tratamento dedicado por Plutarco aos Macedónios como as “opiniões fortes” de Políbio em relação aos estrangeiros, leia-se os de fora do mundo greco-romano. Este último artigo acaba por insistir na ideia de que nenhuma das “opiniões fortes” manifestadas por Políbio significa que o historiador considerava que egípcios, gauleses ou cartagineses fossem inferiores por características inatas, hereditárias ou imutáveis.

Políbio volta a estar no centro do debate nos dois artigos seguintes, um que versa sobre a autorrepresentação que o historiador quis deixar sobre si nos seus escritos e o segundo sobre os tempos históricos de Políbio e o seu Livro XII assim como as posições historiográficas modernas sobre a questão.



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO

AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também considerados para publicação.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published on the aforementioned subjects are also published.

CH

CENTRO DE HISTÓRIA
